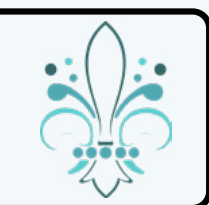


OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Maristela Scremin Valério



Sumário



- **INTRODUÇÃO**
- **1. O GÊNERO LÍRICO**
 - 1.1 Características tradicionais do gênero lírico
 - 1.2 Como ler poesia?
- **2. O GÊNERO NARRATIVO**
 - 2.1. O romance moderno
 - 2.2. Como ler uma narrativa?
- **3. O GÊNERO DRAMÁTICO**
 - 3.1 Elementos do texto dramático
 - 3.2 Forma dramática
- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**





INTRODUÇÃO

O filósofo Aristóteles foi um dos primeiros a pensar a respeito dos gêneros literários, elencando diferenças e hierarquias entre as diversas maneiras de expressão literária da Grécia Antiga. Os estudos de Aristóteles, foram reunidos, posteriormente, no livro *Arte poética* (2003), que se tornou um grande clássico para os estudos literários e é uma obra que ainda hoje é revisitada por professores, pesquisadores e estudantes de Literatura.

Em *Arte poética*, Aristóteles afirma que, diferentemente do historiador que trabalha com fatos que já aconteceram, o poeta trabalha com aquilo que pode acontecer, o que traz um caráter universal à Literatura, enquanto a História tem caráter particular. Para Aristóteles (2003), “O historiador e o poeta não se distinguem um do outro pelo fato de que um escreve em verso e o outro escreve em prosa. [...] (p. 12) Diferem entre si, porque um escreve o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.” Na investigação a respeito dos gêneros literários, Aristóteles cunha um conceito muito importante para a compreensão da literatura: a mimese.

Mimese é a imitação da realidade. Cada gênero literário trabalha com a mimese de forma diferente. Segundo o filósofo, o ser humano é capaz de imitar o comportamento de outros, desde a infância, e é isso que diferencia o homem dos outros animais, pois é pela imitação que se adquire conhecimento. Assim, sente-se prazer em apreciar imitações ou representações da realidade por meio da arte literária.





Para Aristóteles, a imitação do comportamento humano dá-se no sentido de elevá-lo ou de rebaixá-lo. A comédia é um exemplo de como a representação rebaixa as ações humanas, causando repugnância e riso. Já a tragédia e a epopeia são gêneros nos quais a mimese atua para elevar o caráter humano, colocando-o em posição superior.

A contribuição de Aristóteles é essencial para o desenvolvimento da teoria moderna dos gêneros. Mais tarde, os sucessores de Aristóteles e os estudiosos da literatura propuseram uma divisão tripartida dos gêneros literários. Porém, foi apenas no século XIX, especialmente no contexto do romantismo alemão, que a definição dos gêneros literários se consolida, elaborada a partir de critérios que levaram em consideração a forma, a subjetividade e a relação com a realidade. Nesse período, a literatura é estudada a partir de três gêneros fundamentais: lírico, épico e dramático. Nessa tripartição é que está fundada a teoria literária moderna.

Nos próximos capítulos, são apresentados os gêneros literários, as características e os operadores de leitura de cada um. O estudo dos gêneros serve como base para a compreensão dos textos literários e das correntes teóricas e críticas que se formaram no decorrer da história da literatura.





1. O GÊNERO LÍRICO

O pesquisador Alfredo Bosi afirma que “[...] o poeta é um doador de sentido.” (1983, p. 78). A afirmação remete ao fato de que a poesia não faz uma representação direta da realidade, mas capta um estado e as emoções provocadas pela realidade. Diferente dos outros gêneros, o lírico vai além do fato, suscitando no escritor e no leitor acionar estados de espírito, memórias de experiências e sutilezas diversas.

De acordo com Yves Stalloni (2007), o gênero lírico é considerado um gênero incerto, pois o sentido que se dá à palavra poesia na literatura moderna é muito distinto do utilizado por Aristóteles no clássico tratado sobre os gêneros. Por isso, durante muito tempo discutiu-se possíveis definições para a poesia. Em um primeiro momento, a definição do gênero lírico se deu por três critérios: o papel da subjetividade, a relação entre ficção e realidade e a questão formal da utilização do verso.

O primeiro critério que define o gênero lírico é o da subjetividade. Diferentemente dos gêneros narrativo e dramático que se dedicam a narrar ou dialogar a respeito do mundo, o gênero lírico diz respeito às impressões subjetivas que o mundo provoca no poeta. “Tomando-se ele próprio como assunto, o poeta abandona o domínio da imitação da realidade em troca daquele da introspecção individual.” (STALLONI, 2007, p. 135).





O segundo critério liga-se ao fato de que o interesse imediato da poesia não é a realidade mas desvelar um estado de emoção, que se nutre do factual, já que o poeta pertence a um coletivo e é influenciado pela totalidade. Nesse sentido, o poeta é aquele que interpreta subjetivamente os dados da realidade e os traduz em subjetividade.

O terceiro elemento é a versificação e diz respeito à estrutura textual, ao caráter formal da poesia, escrita de forma ritmada, alternando sílabas átonas e tônicas de modo que a leitura em voz alta proporcione musicalidade. A ligação entre poesia e música é muito frequente e, em muitos movimentos literários, a preocupação com a sonoridade dos poemas é maior, como por exemplo a escola Simbolista, no início do século XX, na qual as aliterações e assonâncias trabalham para garantir que o poema tenha uma característica musical.

1.1 Características tradicionais do gênero lírico

A forma como o texto está disposto graficamente em uma página facilita o reconhecimento de um poema. Talvez, entre os gêneros literários, seja o de identificação mais fácil para um leitor, mesmo leigo, já que a divisão do conteúdo em versos e estrofes é uma marca característica do gênero. Porém, essa não é a única característica de um poema. Na sequência, apresenta-se algumas delas, referentes à forma e ao conteúdo.





- **Versos:** O verso é, de forma geral, a linha do poema. É entendido em nível rítmico (sonoridade e emprego de rimas) e métrico (o comprimento).

O ritmo de um verso é dado pela alternância entre sílabas tônicas e átonas, que têm por objetivo criar efeitos de sonoridade. Já a métrica está relacionada ao tamanho do verso. Algumas medidas de versos recebem nomes especiais. Versos de cinco sílabas são chamadas de redondilhas menores. Versos de sete sílabas, redondilhas maiores. As redondilhas estão associadas a poemas de caráter popular, como os cordéis, por exemplo, pois são medidas que facilitam a memorização. Já os versos mais compridos estão associados às formas eruditas, como os versos de dez sílabas, chamados decassílabos, que são a base dos sonetos.

- **Estrofes:** as estrofes são o agrupamento de versos. Funcionam de forma parecida com os parágrafos de um texto e dividem o poema em seções, como unidades de sentido e de ritmo. As estrofes são classificadas de acordo com a quantidade de versos: dístico (2), tercetos (3), quartetos (4), quintilha (5), sextilha (6), septílica (7), oitava (8), nona (9), décima (10).



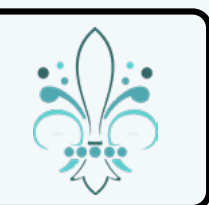
- **Imagem:** a particularidade da poesia é representar a realidade por vias oblíquas, por meio de figuras de linguagem de comparação, como a metáfora e a metonímia, criando uma imagem do real que é alcançada pela subjetividade e pela emoção. Um exemplo é esta estrofe de um famoso soneto do escritor português renascentista Luís Vaz de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

Perceba que já na primeira estrofe, Camões utiliza várias imagens (fogo, ferida, contentamento, dor) para se referir à intensidade do amor. Todavia, usa o recurso da antítese para demonstrar o contraditório do ato de amar.

- **Intransitividade:** O texto poético contém em si próprio a sua finalidade, conseqüentemente, é um trabalho sobre a linguagem que se desvia da objetividade. O poeta Paul Valery comparava a poesia com a dança:

De fato, enquanto o caminhar é, em suma, uma atividade bastante monótona e dificilmente aperfeiçoável, essa nova forma de ação, a dança, permite uma infinidade de criações e de variações ou figuras. [...] O caminhar, como a prosa, visa a um objeto preciso. Ele é um ato dirigido para algo que queremos atingir. [...] A dança é totalmente diferente. [...] Ela não se dirige à parte alguma. (VALERY, P. apud STALLONI, 2007, p. 145).



1.2 Como ler poesia?

O texto poético é considerado, por alguns leitores, um terreno difícil de transitar. Cortez e Rodrigues apontam que essa dificuldade se dá porque cada poema “[...] é uma porta que se abre para a solução de todos os seus problemas.” (CORTEZ; RODRIGUES, 2009, p. 86). Os autores propõem um roteiro para auxiliar no processo de leitura de um poema.

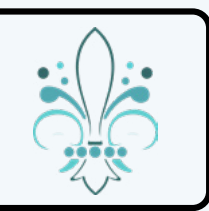
O primeiro passo é a decodificação do texto. Nessa etapa, a ajuda de um bom dicionário ou gramática é fundamental para compreender algumas palavras mais complexas. Em seguida, é necessário identificar o assunto do poema, pelos pormenores importantes e ideias que o texto desenvolve para chegar ao tema, que deve ser formulado de forma clara e breve.

O segundo passo está relacionado à estrutura do texto poético e considera como o tema foi desenvolvido, a partir da forma como cada uma das partes que compõem o poema está distribuída: se há uma ligação lógica entre elas, de oposição, de continuidade, entre outras.

A terceira etapa parte para uma análise formal e a ligação entre forma e conteúdo. Nessa etapa, considera-se o nível fônico (rima, ritmo, fonemas dominantes, aliterações, alternâncias etc.), o nível morfossintático (tipos de frase, categoria das palavras, como verbos, substantivos, adjetivos etc.) e o nível semântico, que atenta a conotações, ambiguidades, polissemia, redundâncias e figuras de estilo.

Ao final, é possível unir as três etapas e relacionar o poema analisado com outros textos, proporcionando um alargamento do tema e com questões sociológicas, culturais, morais, estéticas e históricas.





2. O GÊNERO NARRATIVO

No tratado sobre os gêneros, Aristóteles descreve o gênero narrativo como de caráter elevado, escrito em versos, que mimetiza as ações humanas. Sua forma principal é a epopeia ou narrativa épica, narrativas que contavam os feitos e aventuras de homens de caráter elevado, pertencentes às classes nobres. Essas aventuras traziam, como pano de fundo, a história de povos ou nações e suas lendas e mitologias.

Em relação à forma, a epopeia se caracteriza por:

- estrutura em versos regulares;
- representação mediatizada (diferente do gênero dramático, que utiliza o discurso direto);
- presença implícita de uma voz – o narrador;
- enunciação variada (é em primeira ou terceira pessoa);
- extensão alongada;
- pluralidade de ações (possibilidade de contar mais de uma história);
- utilização do irracional e da fantasia.



De acordo com Stalloni (2007), originalmente, a epopeia centrava-se na história de um país, alimentada por mitos e lendas. Depois, na Idade Média, centrou-se em histórias de feitos heroicos, recheados de fantasias, protagonizadas por cavaleiros corajosos e honrados.

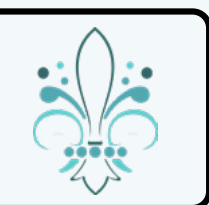
As epopeias gregas mais famosas são a Ilíada e a Odisseia, ambas escritas por Homero, clássicos que serviram de modelo e inspiração para escritores por muitos séculos, chegando até hoje.

Com o passar dos séculos, as epopeias focadas em grandes heróis e suas aventuras perdem terreno. Junto à transição do sistema econômico do Feudalismo para o Capitalismo e a ascensão da burguesia, ganha espaço na literatura o homem comum, com seus dilemas egocêntricos, histórias de amor e crises existenciais. Aos poucos, a narrativa versificada também perde espaço para a prosa. Assim, por volta do início do século XIX, nasce o romance, a forma literária predominante até hoje.

2.1. O romance moderno

Inicialmente, a palavra romance nasce para designar textos escritos a partir do século XVII em língua românica, uma variação linguística popular considerada inferior ao latim, a língua nobre. Segundo Stalloni (2007), nesse período, o romance era um tipo de literatura subalterna e, não necessariamente, tinha características específicas, sendo muitas vezes escrito em versos e tratando da vida de santos.





Mais tarde, com a transição do verso para a prosa, o romance ganha uma forma mais parecida com a que tem hoje. Essa transição, enfatiza Stalloni (2007), marca uma ruptura com a oralidade e a criação de uma nova retórica na qual são valorizadas as situações cotidianas, a verossimilhança, a priorização do individual em detrimento do coletivo, a rapidez narrativa e o gosto pela amplificação. A consolidação do romance como gênero se deu plenamente no século XIX, durante o Romantismo. Algumas décadas depois, durante o Realismo/Naturalismo, reafirma a sua posição como o gênero literário capaz de abarcar os anseios de uma nova concepção de literatura.

2.2. Como ler uma narrativa?

Para ler uma narrativa de forma analítica é preciso considerar alguns operadores de leitura. A partir de conceitos das correntes teóricas do Formalismo Russo e do *New Criticism*, Arnaldo Franco Junior (2009) propõe que a narrativa seja analisada criticamente, considerando os seguintes conceitos:

- **Enredo/trama/fábula:** A fábula aborda os acontecimentos ou fatos comunicados pela narrativa, ordenados sequencialmente, em ordem cronológica, independente da ordem em que foram apresentados ao leitor. A fábula é a síntese da narrativa.

A trama revela o trabalho de criação do escritor e as escolhas que ele fez para que a história seja contada dessa ou daquela forma, criando efeitos e sentidos possíveis por meio da organização do texto. Diferentemente da fábula, não é possível sintetizar a trama.





Os conceitos de enredo, criado pelos teóricos do *New Criticism*, sintetizam a fábula e a trama. O conceito de enredo diz respeito à maneira como uma história foi contada no texto.

- **Personagem:** É um dos principais elementos constitutivos da narrativa, sobre o qual recai a responsabilidade da verossimilhança. Segundo Franco Jr. (2009, p. 38), as personagens são “[...]representações dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações e/ou estados.” São classificadas de acordo com a importância no conflito dramático como principal ou secundária ou de acordo com o grau de densidade: plana ou redonda.
- **Autor e narrador:** Compreender a diferença entre autor e narrador é fundamental para operar a leitura de um texto narrativo. Enquanto o narrador é definido como uma categoria especial de personagem, o autor do texto é o sujeito real que escreve a história. Muitos estudantes, ao se depararem com uma narrativa em primeira pessoa, com supostos traços autobiográficos, confundem narrador e autor.
- **Tema/motivo/motivação:** Tema é o assunto principal da narrativa abordado dramaticamente, o assunto sobre o qual se desenvolve a história. Os motivos são os subtemas vinculados ao desenvolvimento do tema e do conflito dramático. São essenciais, ou não, à resolução do tema.





A motivação compreende o conjunto de motivos que, ligados ao tema, caracterizam a narrativa. Compreender a motivação permite ao leitor avaliar o posicionamento estético e ideológico do autor em relação ao que aborda no texto.

- **Nó/clímax/desfecho:** Nó é o que interrompe a situação inicial da narrativa criando um obstáculo a ser resolvido pelo protagonista, dando origem ao conflito dramático.

Clímax é o auge do conflito dramático. Caracteriza um momento de tensão e expectativa em relação à resolução do conflito central.

Desfecho é a resolução do conflito central, normalmente ligada à situação final da narrativa.

- **Espaço/ambiente/ambientação:**

O espaço diz respeito ao conjunto de referências geográficas e arquitetônicas materiais que identificam o lugar onde a história se passa.

Ambiente é o que caracteriza a relação de forças entre os personagens e o espaço. É a atmosfera ou o clima do espaço onde ocorre a narrativa.

Já a ambientação diz respeito às escolhas do autor do texto para construir o ambiente da narrativa.





- **Tempo e recursos de subjetivação:** São duas as formas mais comuns de analisar o tempo numa narrativa. O primeiro está relacionado ao tempo objetivo/cronológico, à sucessão temporal dos acontecimentos e mensurados pela passagem dos dias, semanas, estações, meses.

O segundo é o tempo subjetivo/psicológico, vinculado ao tempo vivencial das experiências, diz respeito ao modo como as personagens experimentam sensações e emoções em contato com fatos objetivos ou memórias e fantasias. Em relação ao tempo psicológico, este é construído na narrativa a partir dos recursos de subjetivação, que se dividem em três grupos: monólogo interior, análise mental e fluxo de consciência.

A poesia lírica se originou na Grécia Antiga e se configurava como poemas escritos em primeira pessoa, compostos para serem declamados ao som de um instrumento musical chamado lírica. O artigo da pesquisadora Juliana Ragusa traz um percurso histórico interessante sobre o gênero.



Para conhecer a “Lírica” Grega Arcaica





3. O GÊNERO DRAMÁTICO

Teatralizar situações e comportamentos é algo intrínseco à comunicação humana. Desde as brincadeiras infantis aos ritos religiosos, é muito comum que se recorra ao teatro para efeitos lúdicos, didáticos e sociais. Na contemporaneidade, a teatralidade está presente em diversos âmbitos da vida. Basta ligar a TV ou acessar alguma rede social ou *site* de compartilhamentos de vídeos que há acesso a diversos tipos de encenação. Fora das telas, o teatro também aparece nas encenações de rua, nos ritos das igrejas, em simulações de emergência, em treinamentos profissionais e muito mais.

O teatro está baseado na encenação de um texto dramático e a relação entre os dois é bastante ambivalente, o que desperta discussão nos campos teóricos. De maneira simplificada, define-se o texto a ser encenado como literatura dramática e encenação desse texto por atores como fenômeno teatral.

Nos estudos sobre a poética, Aristóteles dividiu o gênero dramático em dois tipos: a comédia e a tragédia. Para o filósofo, a comédia traz a representação dos maus costumes, mas não de todos, apenas daqueles que são ridículos e que, ao serem expostos, não trazem dor ao corruptor, apenas constrangimento e riso. Aristóteles considera a comédia uma representação inferior, rebaixada, do ser humano.





Já a tragédia é uma representação de caráter elevado, não dos homens, mas de suas ações, das quais depende a felicidade ou a infelicidade do personagem. Para Aristóteles, a tragédia é o gênero superior, inclusive à epopeia, por fazer uma representação objetiva e direta das ações humanas sem a interferência de um mediador, o narrador.

Formalmente, define-se o gênero dramático como aquele no qual os personagens falam diretamente, sem intervenções. O gênero dramático tem o seu fim na encenação, pois seu nascimento está diretamente ligado ao teatro. Porém, o próprio Aristóteles já afirmava que, embora o espetáculo seja parte essencial do gênero dramático, o texto atinge a finalidade por si só.

3.1 Elementos do texto dramático

Um dos elementos centrais na discussão a respeito da ambivalência do texto dramático está na encenação. Segundo Pascolati (2007), ao analisar o texto dramático, percebe-se que o espetáculo teatral está inscrito no texto por meio das rubricas, também chamadas de didascálicas. As rubricas se referem a todas as orientações a respeito da encenação que estão no texto: lista de personagens, indicações de cenário, entradas e saídas de personagens, sugestões gerais de encenação. É a partir das rubricas que o diretor e os atores têm uma orientação geral daquilo que o autor imaginou ao escrever o texto.





Um exemplo de rubricas na peça *A morta*, de Oswald de Andrade.

O POETA — Sinto-a como a culpa, como a esperança... Sem ela a vida é deserta, o mundo é uma trágica planície sem descanso! Ela é a caverna do indivíduo... Onde me acolho sem nada esperar, sem nada desejar...

HORÁCIO — Ela te imobiliza e a mortalha.

Tumulto... Um pequeno Exército da Salvação penetra na praça e se instala para um comício musical e pacífico. Um homem gordo traz uma tabuleta onde se lê “Deus Pátria e Família”. É o Hierofante. Sons fúnebres seguem o bando fardado.

HORÁCIO — São os mortos que manifestam...

O POETA — Conheço aquele homem da tabuleta.

HORÁCIO — São os conservadores de cadáver...

Tumulto do outro lado da cena. Um grupo de exaltados, em roupa pobre, protesta contra o comício. Homens e mulheres invadem a cena.

OS CREMADORES — Limpemos o mundo! Abaixo os mortos! Eles comem a comida dos vivos! Abaixo! (ANDRADE, 1973, p. 31-32)

Os trechos destacados em itálico são rubricas, trazem orientações a respeito da cena pensada pelo autor, no momento da escrita do texto.

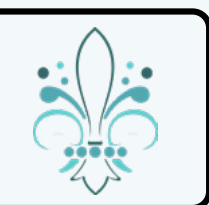


Além das características formais, como o formato dialogado, em discurso direto e a presença de rubricas, Pascolati (2007) aponta os seguintes elementos como os principais constituintes do texto dramático:

- **Ação:** É o elemento central do texto dramático. Todo o texto dramático se organiza a partir e em torno das ações. Para Pascolati,

Ler uma peça de teatro é estar diante de uma série de ações não apenas concatenadas umas às outras, mas uma decorrendo diretamente da anterior. A conexão entre duas ações permite a progressão da peça, portanto, há sempre uma expectativa em relação ao que se seguirá após um determinado evento. (2007, p. 99)

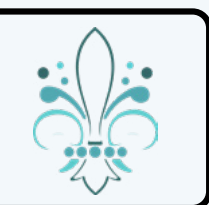
- **Diálogo:** Contribui para a dinâmica da ação no texto dramático e é mais um dos elementos centrais do gênero. O discurso de uma personagem revela ou esconde intenções e dá pistas ao leitor sobre a personagem e para a resolução da intriga da peça.
- **Conflito dramático:** O conflito é o terceiro elemento que constitui o tripé sobre o qual se alicerça o texto dramático. Origina-se na divergência de vontades entre o querer de um personagem e a realização de um objetivo ou desejo. O conflito dá-se entre uma personagem e ela mesma, uma personagem contra outra, uma personagem contra a sociedade, uma personagem contra forças superiores.



- **Fábula/intriga:** Há divergências a respeito dos conceitos de fábula e intriga no texto dramático, porém, partindo dos estudos de Jean Pierre Ryngaert (1996), considera-se que a fábula está relacionada à matéria narrativa do texto, desconsiderando os arranjos autorais. Já a intriga corresponde à mecânica da peça. Isto é, enquanto o enredo considera apenas a sucessão temporal dos fatos, a intriga está ligada à construção dos acontecimentos e relações de causalidade.
- **Personagem:** Diferentemente da personagem dos romances, caracterizada pela voz do narrador, a personagem do texto dramático cria uma ilusão de independência. Seu retrato é formado por gestos e falas, fundamentais para a existência da peça.
- **Espaço/tempo:** O espaço teatral é construído de maneira visual ou verbal. As rubricas preveem a materialização dos elementos arquitetônicos e cenográficos do espaço cênico e as referências verbais proferidas pela personagem dão forma a objetos não necessariamente presentes no ambiente.

O tempo também é ambivalente e é dividido em tempo cênico e dramático. O primeiro refere-se à duração do espetáculo e o segundo à temporalidade dos fatos apresentados na peça. Da relação entre essas duas temporalidades origina-se o tempo teatral.





3.2 Forma dramática

As formas dramáticas passaram por muitas transformações durante os séculos, por isso é difícil abarcar todas. Porém, segue uma lista das mais conhecidas:

Tragédia: definida por Aristóteles a forma superior do gênero dramático por trazer a mimese de ações de caráter elevado. Um elemento importante da tragédia é a catarse, efeito provocado no leitor ao se deparar com o sentimento de terror e piedade pelo personagem, o que traz um efeito purificador para as emoções. O trágico se dá quando a personagem entra em confronto com uma fatalidade inevitável e insolúvel. Na modernidade é a própria condição humana o elemento trágico. É o conflito do sujeito com seu mundo interior o principal elemento das tragédias burguesas.

Comédia: Aristóteles definiu a comédia como a imitação de ações e de seres de caráter pouco elevado, tendo como propósito a encenação de situações comuns. As comédias têm final feliz e caráter humorístico, jocosos e uma constituição crítica. Para funcionar, as comédias precisam da cumplicidade do público.

Tragicomédia: gênero que se desenvolve no período do Renascimento e é uma mistura entre tragédia e comédia, uma história que tem tudo para ter um desfecho triste, mas que, por algum efeito inesperado, tem um final feliz. A tragicomédia se popularizou no período do Romantismo, pois se adequou bem ao estilo da época.





Drama: é um texto associado ao drama psicológico e com ações conflituosas. Popularizou-se com a consolidação da burguesia por estar no meio do caminho entre a comédia e a tragédia e colocar em cena as questões do homem influenciado pela revolução industrial.

Auto: forma predominante durante o período medieval, muito usado pela Igreja com o intuito de evangelizar e catequizar. São peças de caráter popular, mescladas com danças e cantos e que recorrem às alegorias para caracterizar o bem e o mal.

Os poemas épicos foram as primeiras narrativas literárias escritas e ainda servem de inspiração para a construção das narrativas modernas. Na década de 1940, o pesquisador da área da narratologia Joseph Campbell encontrou um modelo de protagonista que se repetia em todas as histórias de sucesso escritas desde a Idade Antiga. Ele batizou esse modelo de Jornada do Herói, ou Monomito. Para conhecer mais, assista ao vídeo.



A Jornada do Herói Dublado (PT-BR)





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste *e-book* foi apresentar alguns conceitos básicos a respeito dos estudos dos gêneros literários, apresentando características formais e de conteúdo dos gêneros lírico, narrativo e dramático.

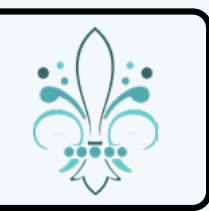
A partir dessa introdução, espera-se que o aluno esteja apto a se aprofundar nos estudos literários para desenvolver as leituras e análises necessárias para compreender o universo da literatura.

Relação de links do material:

A Jornada do Herói Dublado (PT-BR): <https://www.youtube.com/watch?v=Stdko2NIUNI>

Para conhecer a “Lírica” Grega Arcaica: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/LiricaGregaArcaica.pdf>





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, O. **Obras completas VII: Teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

BOSI, A. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CAMÕES, L. V. **Sonetos**. Lisboa/Paris: Centre Culturel Portugais/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

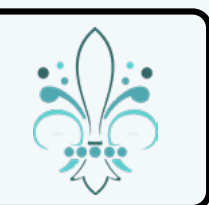
CORTEZ, C. Z.; RODRIGUES, M. H. Operadores de leitura da poesia. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 59 – 92

FRANCO JR., A. Operadores de leitura na narrativa. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.

RYNGAERT, J. P. **Introdução à análise do teatro**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

STALLONI, Y. **Os gêneros literários**: a comédia, o drama, a tragédia. O romance, a novela, os contos. A poesia. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

PASCOLATI, S. A. **Operadores de leitura do texto dramático**. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 93-112.



Os Gêneros Literários – Maristela Scremin Valério

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Claudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Denise Cristina Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhadt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Nikola-Majksner/Unsplash
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones

08/2022

